

A TRANSIÇÃO DO EGRESSO DO 5º PARA O 6º ANO: VISÃO DOCENTE

THE TRANSITION FROM 5TH TO 6TH YEAR GRADUATES: A TEACHING VIEW

LA TRANSICIÓN DEL ESTUDIANTE DEL 5º AL 6º GRADOS: PERSPECTIVA
DOCENTE

Lorena Arero Albuquerque Monteiro*  

Pedro Franco de Sá**  

Elaine Cristina Monteiro Quintela***  

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa que objetivou analisar o domínio das habilidades em Matemática e em Língua Portuguesa apresentadas pelos alunos na transição do 5º para o 6º ano do ensino fundamental, na visão dos docentes dessas duas etapas. A produção das informações ocorreu por meio de questionários aplicados aos professores de Língua Portuguesa e de Matemática, que atuavam no 6º ano, e de pedagogos, que atuavam no 5º ano, todos docentes da Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC). O instrumento buscou obter informações relativas à percepção dos consultados sobre o domínio das habilidades em Matemática e em Língua Portuguesa, demonstradas pelos estudantes da referida rede educacional do 5º ao chegarem ao 6º ano. A análise dos resultados indicou que, tanto em relação à Língua Portuguesa, quanto à Matemática, a percepção dos docentes do 5º ano divide-se entre parcial e pleno e no 6º ano entre parcial e não domínio. Esses resultados indicam a existência da necessidade de um diálogo entre os docentes das referidas disciplinas para construir uma percepção mais próxima da realidade.

Palavras-chave: Ensino de Matemática. Ensino de Língua Portuguesa. Transição do 5º para o 6º ano.

* Mestranda do Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Professora da Educação Básica da rede pública municipal de Belém. Leciona em turmas do 1º ao 5º ano (Séries iniciais) na Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC). Especialista em Educação na rede estadual de ensino do Pará, atuando na função de coordenação pedagógica na Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC), Belém, Pará, Brasil. Endereço para correspondência: Travessa Manoel Evaristo, nº 471, altos, Bairro Umarizal, Belém, Pará, Brasil, CEP: 66050-290. E-mail: loarero@gmail.com.

** Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor Titular de Educação Matemática do Departamento de Matemática, Estatística e Informática da Universidade do Estado do Pará (DMEI-UEPA). Docente fundador dos programas de Mestrado em Educação (PPGED/UEPA) e de Mestrado Profissional em Ensino de Matemática (PPGEM/UEPA). Docente fundador da REAMEC. Coordena o Grupo de Estudos em Cognição e Educação Matemática (GCEM-UEPA), Belém, Pará, Brasil. Endereço para correspondência: Tv. Pirajá, nº 716, Bairro Pedreira, Belém, Pará, Brasil, CEP: 66095-631. E-mail: pedro.sa@uepa.br.

*** Elaine Cristina Monteiro Quintela. Mestranda do Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Professora da Rede Municipal de Ensino de Belém. Leciona na Secretaria Municipal de Belém (SMEC). Pedagoga na Universidade Federal do Pará (UFPA), atuando na função de coordenação pedagógica na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EAUFPA), Belém, Pará, Brasil. Endereço para correspondência: Rua São Pedro, nº 01, Condomínio Terra Fiori Gardênia, Apto 202, Bairro Coqueiro, Ananindeua, Pará, Brasil, CEP: 67113-780. E-mail: elaine.cmq@gmail.com.

ABSTRACT

This work presents the results of a research that aimed to analyze the mastery of skills in mathematics and Portuguese learned by students in the transition from the 5th to the 6th grade of elementary school in the view of the teachers on these two stages. The production of information occurred through questionnaires applied to the teachers of Portuguese and mathematics who worked in the 6th grade and pedagogues who worked in the 5th grade all teachers from Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC). The instrument sought to obtain information regarding the perception of respondents about the skills in mathematics and Portuguese demonstrated by students of the aforementioned educational network of the 5th when they arrive in the 6th grade. The analysis of results that both in relation to the Portuguese and mathematics the perception of the 5th grade teachers is divided between partial and full and in the 6th grade between partial and no domain. These results indicate the existence of a need for a dialogue in among the professors of these disciplines to build a perception closer to reality.

Keywords: Mathematics teaching. Portuguese language teaching. Transition from the 5th to the 6th grade.

RESUMEN

Este trabajo presenta los resultados de una investigación en que se ha objetivado analizar el dominio de las Habilidades Matemáticas y em Lengua Portuguesa presentado por los alumnos de transición del 5º a 6º grados de la Enseñanza Fundamental em la visión de los docentes de esos grupos. La producción de las informaciones ha ocurrido por medio de cuestionarios, que fueram aplicados a los profesores de Lengua Portuguesa, y de Matemáticas, que actúan em el 6º grado, y a los pedagogos que ministran clases em el 5º grado. Todos esos docentes trabajan em la Secretaría Municipal de Educación de Belém (SEMEC). El instrumento empleado buscó obtener informaciones relacionadas a la percepción de los encuestados acerca del dominio de las Habilidades Matemáticas y las de Lengua Portuguesa demostradas por los estudiantes de la referida Red Educacional del 5º a 6º grados. El analisis de los resultados ha enseñado que, tanto em relación a la Lengua Portuguesa como em las Habilidades Matemáticas, la percepción de los docentes del 5º grado se divide entre, parcial y plenol, y em el 6º grado, entre parcial y no dominado. Esos resultados señalan que se hace necessário la práctica del diálogo entre los docentes de las referidas asignaturas para que, así, se pueda construir una percepción más cerca de la realidade.

Palabras clave: Enseñanza de las Matemáticas. Lengua Portuguesa. Transición del 5º a 6º Grado.

1 INTRODUÇÃO

A transição do 5º para o 6º ano do ensino fundamental é alvo de preocupações e de diversos estudos acerca do tema, já que essa etapa de ensino apresenta como um de seus principais objetivos o aprendizado das habilidades de leitura e escrita, bem como dos cálculos matemáticos, o que coloca as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática em um ponto central do processo educacional nessa fase. Segundo Ferreiro e Teberosky (1999), o cálculo elementar e a lectoescrita são algumas das finalidades da instrução básica do conhecimento científico, sendo tal aprendizagem uma condicionante para o sucesso ou o fracasso escolar.

A relação entre as habilidades adquiridas nessas duas áreas do conhecimento é notória, uma vez que o ensino da Matemática se dá na língua materna e dela depende a compreensão dos comandos e problemas matemáticos. Segundo Smole e Diniz (2001), o domínio da Língua Portuguesa é necessário para que se estabeleça a comunicação e a compreensão nas aulas de Matemática, portanto, se houver dificuldades na aquisição da primeira, isso pode comprometer a aprendizagem da segunda.

Quando se trata da transição entre as séries iniciais e as finais do ensino fundamental, essas dificuldades parecem entrar em maior evidência, por fatores diversos, tais como diferenças estruturais e curriculares entre os anos, a didática na abordagem dos conteúdos, mudanças psicológicas e biológicas nos discentes e etc., conforme apontam autores como Dionízio, Camargo e Da Silva (2014), Silva e Santos (2022), Cassoni (2017), dentre outros.

Aliado a isso, ao longo de dez anos de experiência docente da primeira e da última autora, na Rede Municipal de Ensino de Belém (RMB) observou-se constantes situações de reclamação dos professores do 6º ano a respeito do pouco conhecimento demonstrado pelos alunos ao chegarem nessa nova etapa, especialmente em Língua Portuguesa e em Matemática. A partir deste contexto, surgiu a motivação de desenvolver uma pesquisa que teve a seguinte questão norteadora: Como os professores do 5º e do 6º ano da RMB percebem o nível de domínio discente dos conteúdos das disciplinas Língua Portuguesa e Matemática dos egressos do 5º ano da RMB?

Dessa forma, o objetivo geral do trabalho foi analisar a percepção do domínio das habilidades em Matemática e em Língua Portuguesa apresentado pelos alunos na transição do 5º para o 6º ano do ensino fundamental na visão dos docentes envolvidos nesses dois anos escolares. Uma versão preliminar e resumida deste trabalho foi apresentada no Seminário de Cognição e Educação Matemática (SCEM/2022) da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

No presente trabalho, apresentamos os resultados da referida pesquisa que foi realizada pelos autores, contendo a visão de alguns teóricos que discutem o tema em questão, os esclarecimentos acerca do registro de avaliação dentro da Rede Municipal de Ensino, além da análise dos dados levantados a partir da consulta sobre o domínio apresentado pelos alunos nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, realizada aos docentes dos anos escolares aqui mencionados, conforme sua percepção.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

A passagem do 5º para o 6º ano é repleta de desafios por se tratar da transição de etapas que apresentam características diferentes, como o número de professores e seu tempo de permanência em sala, por exemplo. Segundo Ferreira (2018) e Dionízio, Camargo e Da Silva (2014), os alunos saem de uma série escolar cujas disciplinas são ministradas apenas por um único professor e chegam a outra na qual terão um docente para cada uma delas. Além disso, os professores do 6º não têm o hábito de revisar os conteúdos que acreditam já ser de domínio dos estudantes, gerando uma frustração mútua, uma vez que se nota uma lacuna em relação aos conteúdos que deveriam ter sido assimilados.

A relevância de revisar aquilo que fora aprendido no ano anterior permite ao docente identificar o domínio dos estudantes sobre o assunto abordado e, com isso, direcionar o conteúdo ministrado a fim de sanar a carência da matéria. Convergem com essa visão os autores Silva e Santos (2022) que reforçam a importância do professor compreender o que o aluno já sabe para dar prosseguimento com êxito ao processo de ensino-aprendizagem.

A estrutura do corpo docente, portanto, constitui um diferencial entre essas etapas. Alia-se a isso, a linguagem mais técnica das disciplinas, especialmente em Matemática, e também a expectativa do professor a respeito das habilidades já adquiridas pelos alunos e desses sobre a complexidade desse novo ciclo, além de mudanças na relação entre pais e filhos nesse período.

Miranda, Silva, Guerra e Nunes (2020) listam pesquisas em torno dessa transição entre as décadas de 1990 e 2018, nas quais encontram variados motivos para os problemas gerados nesse processo, tais como: epistemologias e estratégias dos professores, mudanças físicas e psicológicas por que passam os alunos nessa fase, fragilização no acompanhamento dos pais, falta de diálogo entre os professores das etapas, modificações e falta de sequência na estrutura curricular, dentre outros.

Em seu artigo intitulado de Noção de Obstáculos Didáticos Institucionais (2020), os autores defendem que a instituição, assim entendida como “[...] um livro ou uma pessoa até um conjunto de pessoas de um estabelecimento de ensino, de pesquisa e/ou conjunto desses estabelecimentos [...]” (Miranda, Silva, Guerra e Nunes, 2020, p. 80), pode figurar como um obstáculo didático, a partir da forma como aborda determinado conhecimento matemático.

Nesse viés, portanto, além dos demais fatores que influenciam nessa transição, ainda podem ocorrer obstáculos no processo de ensino-aprendizagem causados pela maneira com a qual os objetos estudados são lecionados aos alunos, seja pela linguagem utilizada, seja pela

didática adotada pelo docente. Os autores trazem ainda a ideia da existência de uma epistemologia institucional docente própria de cada segmento do ensino fundamental, traduzida em linguagens e ações específicas que uniformizam o ato de ensinar em cada uma dessas etapas gerando, por suas peculiaridades e falta de elo, obstáculos didáticos aos alunos que passam pela transição.

Cassoni (2017) também reuniu pesquisas em torno do avanço nos estudos para o ensino fundamental II definindo tarefas adaptativas pelas quais os alunos passam nesse processo, tais como: a adaptação acadêmica, comportamental, cognitiva e emocional. Nessa revisão, a autora apresenta estudos que dão indícios de mudanças no desempenho e nas notas dos educandos nesse momento de transição. Na maioria das vezes, com queda no rendimento e/ou interesse, especialmente em Matemática, mas, em leitura, não. As pesquisas reunidas mostram que, em se tratando da leitura, não há queda no máximo, há uma estabilidade. Contudo, na aplicação da pesquisa envolvendo discentes do 5º e do 6º ano de escolas públicas de uma cidade no interior de São Paulo, a autora observou redução na satisfação deles consigo ou com a família, porém, houve um aumento de desempenho acadêmico para os estudantes do 6º ano em relação aos do 5º.

Sob outra ótica, Zontini (2016) acusa a divergência no ponto de vista dos conteúdos dominados pelos alunos de acordo com os docentes do 5º e do 6º ano, onde, os primeiros avaliam um bom desempenho e os segundos, péssimo. A autora ainda relaciona a esse cenário a diferença na formação dos professores do 5º que, em sua maioria, são pedagogos, e os do 6º que tem formação específica, visão essa ratificada por Mumbach, Heckler e Guidotti (2022).

De fato, a base acadêmica desses docentes pode interferir tanto no domínio dos conhecimentos, principalmente, os matemáticos e da linguagem utilizada durante as aulas, quanto na forma de socializá-los com os estudantes. Outro aspecto relevante, e que também pode encontrar raiz na formação inicial desses profissionais, é a perspectiva de desempenho dos alunos, aquilo que se espera alcançar em sua aprendizagem, de um lado e de outro.

Em Matemática, por exemplo, os professores do 6º ano pretendem receber educandos que já dominem as operações básicas para dar segmento aos conteúdos relativos a essa nova etapa, no entanto, nem sempre se deparam com uma realidade propícia. Silva e Macedo (2014) identificaram, após a aplicação de teste diagnóstico a alunos de uma turma do 6º ano, que a maioria não domina os algoritmos das quatro operações. No teste, evidenciou-se cerca de 20% de erros em adição, 78% de erros em subtração, 60% em multiplicação e 33% em divisão, sendo que, nessa última, 45% sequer conseguiu resolver as contas.

Desviando o foco da perspectiva docente para a discente, identifica-se que os estudantes também geram expectativas e tem impressões relativas a essa transição, conforme aponta os estudos feitos por Seibert (2019). A pesquisadora observou, através de desenhos, que os alunos desenvolvem certa ansiedade em relação às mudanças que sucedem a chegada ao 6º, decorrente de alertas e orientações previamente feitas por docentes e familiares. Além disso, relatou que os discentes sentem o 6º ano como período em que passam a assumir mais responsabilidades, perdendo a ludicidade ainda existente no 5º.

Corroboram com essa ideia Paula *et alii* (2018), pois relatam que os alunos são alertados pelos professores do 5º sobre as mudanças que encontrarão ao chegar ao 6º, dentre elas: a variedade de professores, o tempo de aula, números de trabalhos ou provas e dificuldade do ensino nessa nova etapa, fato que pode provocar medo ou estresse prévios, tanto aos alunos, quanto em seus responsáveis. Portanto, uma transição que poderia ocorrer com naturalidade pode ser traumatizada antes mesmo de se efetivar.

A falta de comunicação e de uma transição mais eficaz entre o trabalho pedagógico realizado nas séries iniciais e finais do ensino fundamental pode se materializar nas dificuldades encontradas pelos estudantes no 6º ano, podendo ser evitadas, se houvesse uma articulação entre esses segmentos.

Confrontar as perspectivas docentes dessas disciplinas, nessas duas etapas do saber, de forma mais detalhada, permite a análise de cada um dos conteúdos ou habilidades trabalhados com os alunos e favorece a compreensão de como essa transição tem se efetivado. Para isso, será esclarecido abaixo o processo avaliativo dentro da Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC), bem como as habilidades de Matemática e Língua Portuguesa exigidas.

3 AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES DA SEMEC

A avaliação da aprendizagem busca investigar a qualidade dos resultados obtidos através do ensino proposto e praticado em sala pelo docente, assim, a partir desse processo, é possível identificar se há ou não a necessidade de nova intervenção, face ao alcance de melhores desempenhos, de acordo com Luckesi (2021).

O processo avaliativo da Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC) se realiza de forma contínua, com o uso de variados instrumentos, garantindo a predominância dos aspectos qualitativos em detrimento dos quantitativos, como aponta a resolução do Conselho

Municipal de Educação (CME) (2011), por esse motivo a avaliação e aprovação não se dão por meio de notas.

O termo de registro docente ocorre em um documento, chamado de Registro Síntese, contendo as habilidades necessárias para aquela etapa em cada disciplina, nas quais o professor registra o domínio do aluno obedecendo às siglas S para sim (domina plenamente), P para parcial (tem domínio parcial) e N para não domina. As habilidades previstas no Registro Síntese de cada uma das disciplinas analisadas estão registradas nos Quadros 1 e 2.

Quadro 1 - Códigos e Habilidades de Matemática do Registro Síntese/ SEMEC

Códigos	Habilidades de Matemática
Geometria	
M01	Identifica propriedades comuns e diferenças entre poliedros e corpos redondos, relacionando figuras tridimensionais com suas planificações.
M02	Identifica propriedades comuns e diferenças entre figuras planas a partir do número de lados e tipos de ângulos.
M03	Identifica quadriláteros, observando as posições relativas entre seus lados (paralelos, concorrentes, perpendiculares).
M04	Amplia e/ou reduz figuras poligonais em malhas quadriculadas a partir da modificação da medida dos lados do perímetro da área.
M05	Localiza objeto em mapas, croquis e outras representações gráficas.
M06	Interpreta e fornece instruções com terminologia adequada e pontos de referência para localização e movimentação de objetos.
Medidas e Grandezas	
M07	Resolve problemas utilizando unidades de medidas padronizadas como hora, minuto, semana, metro, litro, quilo, grama, com instrumentos convencionais como régua, litro, balança, relógio e etc.
M08	Resolve problemas utilizando unidades de medidas não padronizadas como palmo, paneiro, saca e etc.
M09	Estima medidas de tempo, comprimento, massa e capacidade a partir de referenciais pessoais.
M10	Transforma unidades de medidas: hora em minuto, dias em semanas, centímetros em metro, litro em mililitro, quilo em gramas e etc.
M11	Calcula a duração de intervalos identificando horário de seu início ou término.
M12	Resolve problemas envolvendo o cálculo do perímetro e área de figuras plana em malha quadriculada.
Tratamento da Informação, Números Naturais e Álgebra	
M34	Lê e organiza informações numéricas em tabelas e gráficos de coluna.
M13	Reconhece e utiliza características do sistema de numeração decimal, tais como agrupamentos e trocas na base 10 e princípio do valor posicional.
M14	Decompõe números naturais em sua forma polinomial.
M15	Decompõe números naturais nas suas diversas ordens.
M16	Escreve os números naturais considerando suas ordens e classes.
M17	Localiza números naturais na reta numérica.
M18	Resolve problemas com números naturais, envolvendo diferentes significados da adição (juntar e acrescentar) ou subtração (separar, tirar, comparar e completar).
M19	Resolve problemas com números naturais, envolvendo diferentes significados da multiplicação (comparativa, proporcionalidade, configuração retangular, combinatória e adição de parcelas iguais) ou divisão (repartir e medir).
M20	Cria estratégias pessoais de cálculo.

M21	Realiza cálculo mental.
M22	Calcula como algoritmo convencional o resultado de uma adição e de uma subtração de números naturais.
M23	Calcula como algoritmo convencional o resultado de uma multiplicação e de uma divisão de números naturais.
M24	Utiliza calculadora na resolução dos cálculos.
Números Racionais e Álgebra	
M25	Reconhece que os números racionais (decimais) possuem as características do sistema de numeração decimal, tais como agrupamentos e trocas na base 10 e princípio do valor posicional.
M26	Estabelece trocas entre cédulas e moedas do sistema monetário brasileiro, em função de seus valores.
M27	Resolve problemas de adição e subtração com números racionais (decimal) envolvendo o sistema monetário brasileiro e os sistemas de medidas.
M28	Escreve os números racionais (decimais) considerando suas ordens e classes.
M29	Localiza números racionais (decimais) na reta numérica.
M30	Identifica fração como representação que pode estar associada a diferentes significados.
M31	Identifica diferentes representações de um mesmo número racional.
M32	Resolve problemas envolvendo noções de porcentagem (25%, 50%, 100%).
M33	Escreve os numerais racionais (fracionários).

Fonte: Construído a partir das habilidades contidas no Registro Síntese da SEMEC.

São, portanto, 34 habilidades dentro da disciplina de matemática consideradas necessárias para a conclusão do 5º ano na rede, que juntamente a outros documentos, direcionam a ação e a avaliação docente na SEMEC. Essas habilidades foram analisadas por Monteiro e Sá (2021) sob a ótica da Taxonomia de Bloom. Os autores observaram que a maioria delas exige dos alunos apenas os níveis mais básicos da taxonomia que são lembrar, entender e aplicar os conhecimentos matemáticos trabalhados. Em quantidade menor aparecem os níveis analisar, avaliar e criar, que demandam mais raciocínio em sua execução, mostrando pouca preocupação do documento com o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes.

Seguindo a mesma diretriz utilizada em Matemática, a avaliação na disciplina de Língua Portuguesa ocorre a partir da análise das 22 habilidades que compõem o Registro Síntese dessa disciplina, e seguem organizadas no Quadro 2.

Quadro 2 - Códigos e Habilidades de Língua Portuguesa do Registro Síntese/ SEMEC

Códigos	Habilidades de Língua Portuguesa
Leitura e Interpretação de Textos	
LP 01	Inferir uma informação implícita em um texto.
LP 02	Inferir o sentido de palavras e/ou expressões a partir do contexto.
LP 03	Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato.
LP 04	Reconhecer efeitos de ironia ou humor em textos variados.
LP 05	Ler diferentes textos selecionando estratégias de leituras de acordo com a especificidade do gênero.
LP 06	Construir um conjunto de expectativas, apoiando-se em conhecimentos prévios sobre o gênero, suporte e universo temático, bem como recursos gráficos, imagens e dados do texto.
LP 07	Levantar as ideias principais do texto para organizá-las em sequência lógica.
LP 08	Identificar o tema central de um texto para compreender seu sentido global.

LP 09	Identifica as informações explícitas no texto.
LP 10	Reconhece várias formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que eles foram produzidos e daqueles em que serão recebidos.
LP19	Explicita o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa.
Oralidade	
LP 11	Expressa-se oralmente, considerando os papéis dos participantes, ajustando o texto à variedade linguística adequada.
LP 12	Reconta oralmente, em contextos diferenciados, os gêneros lidos e/ou escutados.
LP 13	Utiliza a linguagem oral, adequando-a aos contextos formais de uso.
Escrita e Produção de Textos	
LP 14	Mantém um encadeamento de ideias na produção de textos orais e escritos, garantindo um fluxo lógico e contínuo.
LP 15	Estabelece relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições para sua continuidade.
LP 16	Considera, em suas produções escritas, o gênero, o suporte, o (s) possível (eis) interlocutor (es), a adequação linguística e outros fatores pertinentes às variadas situações comunicativas.
LP 17	Utiliza expressões conectoras estabelecendo relações de sentido entre os enunciados que compõem o texto.
LP 18	Emprega o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações.
LP 20	Escreve rascunhos considerando a possibilidade de modificar o texto se necessário.
LP 21	Relê durante a produção aquilo que já escreveu.
LP 22	Submete o texto a um processo de reescrita.

Fonte: Construído a partir das habilidades contidas no Registro Síntese da RME.

As habilidades dos Quadros 1 e 2 são utilizadas para avaliar o desempenho dos estudantes nas disciplinas em questão e decidir pela aprovação ou reprovação dos mesmos dentro do ciclo ao qual os alunos pertencem.

4 METODOLOGIA

O lócus da pesquisa foi em um dos distritos da Rede Municipal de Ensino de Belém, com 9 professores do 5º ano formados em pedagogia, 3 professores licenciados em Matemática e 2 professores licenciados em Língua Portuguesa.

A pesquisa foi realizada por meio das seguintes etapas: revisão de estudos, elaboração do instrumento de pesquisa, validação do instrumento, obtenção de autorização, aplicação do instrumento, sistematização das informações e, por fim, análise dos resultados.

Na etapa da revisão de estudos foram acessados e analisados os trabalhos apresentados na seção anterior, encontrados nos seguintes autores: Ferreiro e Teberosky (1999), Smole e Diniz (2001), Dionízio, Camargo e Da Silva (2014), Silva e Macedo (2014), Zontini (2016), Cassoni (2017), Alvarenga e Tauchen (2018), Ferreira (2018), Paula *et alii* (2018), Seibert (2019), Miranda, Silva, Guerra e Nunes (2020), Mumbach, Heckler e Guidotti (2022), Silva e Santos (2022).

A etapa da elaboração do instrumento de pesquisa resultou num questionário com 15 questões para os 5º e 6º anos de Língua Portuguesa e 12 questões para o 6º ano de Matemática sobre idade, experiência profissional, tempo, local e titulação referentes à formação inicial e continuada, método de trabalho docente, recursos mais utilizados, atitude do professor diante do mau desempenho dos alunos, formas avaliativas e o domínio dos alunos na transição do 5º para o 6º em relação às disciplinas aqui pesquisadas. Além disso, a segunda folha do questionário trazia as habilidades exigidas na avaliação de cada disciplina e questionava a respeito da relevância de cada uma delas e do domínio demonstrado pela maioria dos alunos.

A etapa da aplicação do instrumento de pesquisa ocorreu no período de 08.11.2021 a 17.12.2021 com professores que lecionavam as disciplinas em questão no 5º e 6º ano das escolas pertencentes a um distrito da SEMEC, que é composto por 14 escolas, entre sedes e anexos. Contudo, somente 6 são de ensino fundamental e foram, portanto, alvo do presente levantamento dos dados. Destas 6, somente 4 contam com turmas do 6º ao 9º ano, as demais trabalham somente com turmas de 1º ao 5º ano.

No total, a consulta pretendeu alcançar 10 professores do 5º ano, 5 de Matemática do 6º ano e 4 de Língua Portuguesa, também do 6º. Contudo, uma das escolas encontrava-se em reforma, o que ocasionou trabalhos remotos. Além disso, em outra escola, uma professora de Matemática concordou em participar, mas não compareceu em nenhum dos dias agendados, e outra, de Língua Portuguesa, encontrava-se de licença, porém, não havia substituto para ela, dificultando, assim, o trabalho. Encontramos disponibilidade com uma docente que lecionava nas duas escolas de ensino fundamental, portanto, preencheu somente um questionário.

Nesse contexto, foram, de fato, respondidos nove questionários do 5º ano dos quais, um teve preenchimento parcial, pois as informações relativas à Língua Portuguesa ficaram em branco, três questionários do 6º ano de Matemática, sendo um incompleto, pois não houve respostas aos questionamentos sobre o domínio dos alunos e dois de Língua Portuguesa, totalizando 14 questionários.

Todos os professores que participaram da pesquisa são maiores de idade e concordaram em participar por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), estando cientes sobre os dados da pesquisa e consentiram que suas respostas fossem publicadas, desde que mantido o anonimato das respostas, tendo, com isso, seus dados pessoais resguardados. As informações levantadas serão analisadas no tópico a seguir.

A etapa da sistematização das informações se deu por meio do registro das respostas de cada questão do instrumento em quadros. A etapa da análise dos resultados sistematizados

ocorreu considerando cada resultado e também por comparação dos resultados entre os grupos de docentes consultados.

5 ANÁLISE E RESULTADOS

A sistematização das informações permitiu elaborar os perfis dos docentes consultados. Por isso, observou-se que, em relação ao 5º ano, há um público de professores exclusivamente feminino, com experiência profissional na rede municipal de ensino entre 6 e 15 anos para a maioria delas (7 docentes), e, apenas 2, com mais de 20 anos. Todas as professoras são graduadas em Pedagogia, tem especialização na área da educação e nenhuma apresentou curso de mestrado ou doutorado. A formação inicial se deu em universidades públicas, para grande parte das professoras consultadas, contudo, os cursos de especialização tiveram prevalência em instituições privadas. Quatro das nove professoras relataram acumular vínculo com outra instituição.

Com relação ao 6º ano de Matemática, o público participante da consulta foi exclusivamente masculino, pois as escolas onde havia docentes do sexo feminino lotadas foram as que não aceitaram participar da pesquisa. Os professores são todos licenciados em Matemática, em instituições públicas, tem curso de pós-graduação em nível de especialização, a maioria, também, realizada em instituições públicas. Eles possuem cerca de trinta anos de formação com considerável experiência profissional (de 16 a 30 anos). Dos três professores consultados à época, um não possuía vínculo em outra rede de ensino e dois informaram ter vínculo com a rede estadual.

As professoras de Língua Portuguesa, por sua vez, tinham de 36 a 50 anos de idade, com experiência profissional entre 06 e 10 anos, com formação acadêmica inicial em Letras e curso de mestrado na área, todos realizados em universidades públicas. Além disso, informam não terem vínculo com outra rede de ensino.

O ciclo de vida da carreira profissional docente foi analisado pela abordagem de Huberman (*apud* Alvarenga e Tauchen, 2018), no qual o autor define cinco fases do percurso profissional dos professores, são elas: a entrada no magistério, o momento de iniciação na carreira docente (de 1 a 3 anos), a estabilização (de 4 a 6 anos), a fase de diversificação, onde ocorre maiores experimentações na profissão (de 7 a 25 anos), tal fase é dotada, segundo o autor, de serenidade, quando o docente encontra-se sereno com a atuação, ou de distância

afetiva, quando não relaciona a carreira a muitos momentos gratificantes (de 25 a 35 anos) e, por último, a fase do desinvestimento, quando encerra seu ciclo na carreira (de 35 a 40 anos).

Tomando como alicerce esses estudos, de acordo com o perfil docente consultado, pode-se supor que as professoras do 5º ano e as de Língua Portuguesa do 6º ano encontram-se entre as fases de estabilização e diversificação do ciclo de vida da carreira profissional docente, ao passo que os professores de matemática se encontram entre a fase de diversificação e a de serenidade ou distância afetiva.

Quanto à titulação, observou-se que as docentes de Língua Portuguesa do 6º possuíam titulação de mestres e as do 5º ano, bem como os professores de Matemática, apenas pós-graduação em nível de especialização. Assim, conjectura-se que a experiência profissional e a formação continuada possam ter reflexos na discrepante visão dos professores dessas etapas de ensino, que será detalhada a seguir.

No prosseguimento, apresentaremos os resultados e análises relativos ao domínio das habilidades em Matemática e os resultados e análises relativos ao domínio das habilidades em Língua Portuguesa.

5.1 Resultados relativos ao domínio das habilidades de Matemática

Considerando as habilidades prescritas no Registro Síntese, os questionários distribuídos na consulta buscaram saber, junto aos professores do 5º ano, como os alunos finalizam essa etapa do ensino fundamental. Aos do 6º, como os alunos chegaram ao início do 6º ano, dominando plenamente, parcialmente ou sem domínio, os conteúdos referentes às disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática.

Do ponto de vista da organização do trabalho docente, considerando as informações fornecidas pelos professores dos 5º e 6º anos, observou-se que nos dois anos os documentos mais utilizados para seleção dos conteúdos trabalhados em Matemática são a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o livro didático, situação provavelmente decorrente da imposição que a existência de uma base nacional comum promove e dos livros serem os principais recursos disponíveis em uma escola pública, sendo, portanto, seguidos.

É visto com positividade o fato de que os conteúdos de Matemática são, prioritariamente, iniciados com uma situação-problema, tanto no 5º quanto no 6º ano, porém a exposição do conceito para posterior exercício também se mostra presentes nos dois anos, apontando indícios da abordagem tradicional do processo de ensino, segundo Mizukami (1986),

ainda bastante presente. Os jogos são utilizados apenas no 5º ano, o que se permite supor que atividades lúdicas sejam mais realizadas nas séries iniciais do ensino fundamental, do que nas finais e corrobora com as diferenças de estratégias de ensino entre essas séries acusadas por Miranda, Silva, Guerra e Nunes (2020).

Notou-se, ainda, que os recursos mais usados para realizar as aulas de Matemática são o livro didático, o quadro branco e as atividades impressas, no 5º e no 6º ano. Também aparecem de forma mais discreta, em ambos os anos, os equipamentos eletrônicos, tais como computadores, celulares e *tablets*, fato que pode ser explicado pela possível escassez desse recurso nas escolas públicas.

Como instrumento avaliativo, os docentes do 5º ano informaram que elegiam com prioridade os trabalhos diários, seguido de testes com questões de múltipla escolha. Os professores do 6º ano de Matemática, por sua vez, priorizam participação e frequência nas aulas, seguido de testes discursivos. De uma forma ou de outra, pode-se concluir que, tanto no 5º quanto no 6º ano, as atividades realizadas pelos alunos dos docentes consultados no dia a dia de aula (seja com trabalhos ou com frequência e participação) são o carro-chefe das avaliações para esse público, bem como a utilização de testes (com questões discursivas ou de múltipla escolha) que assumem o segundo lugar. Para obter uma visão mais abrangente da RMB seria necessária uma pesquisa mais ampla da rede.

Questionados sobre o baixo rendimento de um aluno ou de um grupo de alunos, os docentes afirmaram fazer intervenções no decorrer das aulas, realizar nova avaliação com outro instrumento e/ou revisão seguida de aplicação de nova avaliação com o mesmo instrumento e, em número menor, a realização de um trabalho extra, tanto no 5º ano, quanto no 6º ano, com prevalência de intervenções durante as aulas, especialmente no 5º, o que denota a preocupação com o real aprendizado dos conteúdos pelos alunos.

A respeito de como os discentes fazem a passagem do 5º para o 6º ano, os professores de ambos os anos parecem concordar que a maioria deles o fazem com conhecimento parcial dos conteúdos trabalhados no 5º e, portanto, necessários para aprovação ao 6º ano, conforme se pode observar no Quadro 3.

Quadro 3 - Domínio dos conhecimentos matemáticos pelos alunos na visão dos docentes

Questão	A maioria dos alunos domina as habilidades matemáticas no término do 5º ano? (%)	
	Docente do	
	5º ano	6º ano
Resposta		
Sim	22,22	0,00
Parcial	66,66	66,66
Não	0,00	33,33
Não informou	11,11	0,00

Fonte: Construído a partir dos dados da pesquisa.

Nos dois anos, portanto, dois dos professores do 6º ano consultados afirmaram que a maior parte dos alunos finaliza o 5º ano com o domínio parcial dos conhecimentos matemáticos. Apesar disso, seis das professoras do 5º ano compreendem que eles dominam plenamente os conteúdos ministrados, embora nenhum docente do 6º ano tenha essa visão, inclusive, um afirma que a maioria não domina as habilidades matemáticas. Esse resultado demonstra visões extremamente opostas para uma parcela dos docentes do 5º e do 6º anos.

Na segunda parte do questionário, os professores foram consultados sobre a importância de trabalhar e compreender as 34 habilidades contidas no Registro Síntese referente à disciplina de Matemática, ao que deveriam responder qual ou quais são indispensáveis, em sua visão, para que o processo de ensino, aprendizagem e avaliação nessa etapa de ensino ocorresse de maneira mais favorável aos estudantes. Quase todas as habilidades de Matemática foram consideradas, pela maioria dos professores, como indispensável, tanto no 5º ano, quanto no 6º ano.

Os docentes, em questão, também foram consultados sobre o domínio das habilidades apresentado pelos alunos ao término do 5º ano, no qual consideraram domínio pleno, parcial ou não domínio. Para facilitar a análise, as habilidades foram organizadas nos seguintes blocos de conteúdos: Tratamento da informação, Números naturais e Álgebra, Números racionais e Álgebra, Geometria e Medidas e Grandezas. Essa divisão foi feita tomando como referência a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018).

No bloco de conteúdos que circunscreve o Tratamento da informação, Números naturais e Álgebra, um distanciamento considerável se manifesta: enquanto que para as docentes do 5º ano grande parte das habilidades são plenamente dominadas pelos alunos, para os docentes do 6º ano somente uma habilidade é vista assim e a maioria recebe domínio parcial ou não domínio, como é possível observar no Quadro 4.

Quadro 4 - Domínio das habilidades de Tratamento da informação, Números naturais e Álgebra na visão dos docentes do 5º e do 6º ano do E. Fundamental

Nível de domínio das habilidades de matemática pelos egressos do 5º ano – Tratamento da informação, Números naturais e Álgebra (%)								
Código das habilidades	Ano de atuação docente							
	5º	6º	5º	6º	5º	6º	5º	6º
	Pleno		Parcial		Não Domina		Não Informou	
M13	44,44	0,00	55,55	33,33	0,00	33,33	0,00	33,33
M14	55,55	0,00	44,44	33,33	0,00	33,33	0,00	33,33
M15	55,55	0,00	44,44	33,33	0,00	33,33	0,00	33,33
M16	55,55	0,00	44,44	66,66	0,00	0,00	0,00	33,33
M17	66,66	66,66	33,33	0,00	0,00	0,00	0,00	33,33
M18	66,66	0,00	33,33	66,66	0,00	0,00	0,00	33,33
M19	22,22	0,00	77,77	66,66	0,00	0,00	0,00	33,33
M20	44,44	0,00	33,33	66,66	22,22	0,00	0,00	33,33
M21	44,44	0,00	44,44	66,66	11,11	0,00	0,00	33,33
M22	55,55	0,00	44,44	66,66	0,00	0,00	0,00	33,33
M23	33,33	0,00	44,44	66,66	11,11	0,00	11,11	33,33
M24	66,66	0,00	11,11	33,33	22,22	33,33	0,00	33,33
M34	66,66	0,00	33,33	66,66	0,00	0,00	0,00	33,33

Fonte: Construído a partir dos dados da pesquisa.

Das 13 habilidades organizadas nesse bloco, as que mais são apontadas pelas professoras do 5º ano como sendo de domínio pleno pelos alunos são: a leitura e organização de informações em gráficos e/ou tabelas (M34), a utilização de calculadora (M24), a resolução de problemas de adição e subtração (M18) e a localização dos números naturais em retas numéricas (M17). Dessas, apenas a M17 é também vista dessa forma pelos professores do 6º ano, as outras duas são identificadas como de domínio parcial ou não domínio por esse segmento.

Habilidades também apontadas como de domínio parcial são a resolução de problemas de multiplicação e divisão (M19) e o reconhecimento das características do sistema de numeração decimal (M13) para ambas as etapas. Igualmente, destacam-se as habilidades relativas aos algoritmos de adição e subtração (M22) e de multiplicação e divisão (M23) que, apesar de serem parte dos objetivos dessa etapa de formação, são aferidos pelos docentes do 6º ano e por parte dos do 5º ano como de domínio parcial.

Esse fato reforça as considerações feitas por Silva e Nunes (2014), encontradas na seção de revisão de estudos do presente artigo, em que os autores evidenciam a partir do percentual de erros as dificuldades no domínio dos algoritmos de subtração, multiplicação e, principalmente, da divisão, pois quase metade dos alunos não sabia resolver esta operação aritmética.

A análise dos resultados do Quadro 5, por sua vez, indica que, quanto aos números racionais, as docentes do 5º ano reconhecem maiores dificuldades enfrentadas pelos alunos em relação ao domínio dessas habilidades, fato que se evidencia pelo maior indicativo de domínio parcial e de não domínio destas. Porém, o distanciamento ainda se mantém, uma vez que o domínio pleno aparece, mesmo que em menor quantidade, em quase todas as habilidades. Já, pela perspectiva dos docentes do 6º ano, a única habilidade com indicação de domínio pleno que foi observada em relação às trocas de cédulas e moedas do sistema monetário (M26), as demais, por outro lado, são vistas como de domínio parcial ou não domínio, de acordo com o Quadro 5.

Quadro 5 - Domínio das habilidades em Números racionais e Álgebra para os docentes do 5º e do 6º ano

Nível de domínio das habilidades de matemática pelos egressos do 5º ano – Números racionais e Álgebra (%)								
Código das habilidades	5º ano	6º ano	5º ano	6º ano	5º ano	6º ano	5º ano	6º ano
	Domínio Pleno		Domínio Parcial		Não Domina		Não Informou	
M25	0,00	0,00	77,77	66,66	22,22	0,00	0,00	33,33
M26	55,55	33,33	44,44	33,33	0,00	0,00	0,00	33,33
M27	22,22	0,00	66,66	33,33	11,11	33,33	0,00	33,33
M28	22,22	0,00	66,66	33,33	11,11	33,33	0,00	33,33
M29	0,00	0,00	77,77	33,33	22,22	33,33	0,00	33,33
M30	22,22	0,00	33,33	66,66	44,44	0,00	0,00	33,33
M31	11,11	0,00	44,44	33,33	44,44	33,33	0,00	33,33
M32	33,33	0,00	33,33	66,66	33,33	0,00	0,00	33,33
M33	33,33	0,00	33,33	66,66	33,33	0,00	0,00	33,33

Fonte: Construído a partir dos dados coletados na pesquisa.

Em relação ao bloco de Geometria, a maioria das professoras do 5º ano têm a percepção de domínio parcial das habilidades pelos alunos, algumas de domínio pleno e pouquíssimas de não domínio. Para os professores do 6º ano, há três habilidades em que a percepção de não domínio é unânime. Nas outras, dividem-se em domínio parcial e não domínio, conforme evidencia o Quadro 6.

Quadro 6 - Domínio das habilidades em Geometria para os docentes do 5º e do 6º ano.

Nível de domínio das habilidades de Matemática pelos egressos do 5º ano – Geometria (%)								
Códigos das habilidades	5º ano	6º ano	5º ano	6º ano	5º ano	6º ano	5º ano	6º ano
	Domínio Pleno		Domínio Parcial		Não Domina		Não Informou	
M01	33,33	0,00	66,66	33,33	0,00	33,33	0,00	33,33
M02	44,44	0,00	55,55	0,00	0,00	66,66	0,00	33,33
M03	22,22	0,00	66,66	33,33	11,11	33,33	0,00	33,33
M04	33,33	0,00	55,55	0,00	11,11	66,66	0,00	33,33
M05	22,22	0,00	66,66	33,33	11,11	33,33	0,00	33,33
M06	11,11	0,00	77,77	0,00	11,11	66,66	0,00	33,33

Fonte: Construído a partir dos dados coletados na pesquisa.

A habilidade identifica propriedades comuns e diferenças entre figuras planas, a partir do número de lados e tipos de ângulos (M02). Ela chama a atenção, pois é indicada como de domínio pleno por 4 das 9 professoras consultadas do 5º ano e como não domínio pelos dois docentes do 6º que responderam essa parte do questionário.

Já no bloco Medidas e Grandezas, quase todas as habilidades são indicadas com domínio parcial e duas sem domínio, pelos docentes do 6º ano. Em seu turno, quase metade das professoras do 5º ano consideram que a aprendizagem das habilidades desse bloco se dá com o domínio parcial, para pelo menos três delas, a maioria das habilidades é de não domínio dos alunos, e um número menor (de uma a três) percebe como de domínio pleno, é o que se verifica no Quadro 7.

Quadro 7 - Domínio das habilidades em Medidas e Grandezas para docentes do 5º ano e do 6º ano.

Nível de domínio das habilidades de matemática pelos egressos do 5º ano – Grandezas e Medidas (%)								
Código das habilidades	5º ano	6º ano	5º ano	6º ano	5º ano	6º ano	5º ano	6º ano
	Domínio Pleno		Domínio Parcial		Não Domina		Não Informou	
M07	11,11	0,00	44,44	66,66	44,44	0,00	0,00	33,33
M08	22,22	0,00	44,44	0,00	33,33	66,66	0,00	33,33
M09	22,22	0,00	44,44	66,66	33,33	0,00	0,00	33,33
M10	11,11	0,00	55,55	33,33	33,33	33,33	0,00	33,33
M11	33,33	0,00	66,66	66,66	0,00	0,00	0,00	33,33
M12	33,33	0,00	44,44	66,66	11,11	0,00	11,11	33,33

Fonte: Construído a partir dos dados da pesquisa.

Dessa forma, considerando os quatro blocos, observa-se que as habilidades relativas aos números naturais são apontadas pelos docentes do 6º ano como de domínio parcial ou não domínio, e pelos do 5º ano como parcial ou pleno, especialmente as que envolvem as quatro operações. Tanto o algoritmo quanto a resolução de problemas, são vistos como de domínio parcial pelos docentes do 6º ano, já os do 5º ano, distribuíram-se entre parcial e de domínio pleno, havendo prevalência desse último nos cálculos de adição e subtração.

Nos números racionais, há domínio pleno em apenas uma habilidade, na visão dos docentes do 6º ano, contra os domínios parcial e pleno de acordo com os docentes do 5º ano. Em geometria, para os docentes do 6º ano, o domínio se distribui em parcial ou não domínio, já no 5º ano, em parcial e pleno. Em medidas e grandezas para os professores do 6º ano, os alunos ou não têm domínio ou o têm de forma parcial, mas sob a ótica do 5º ano, o possui como parcial ou pleno.

Assim, para os docentes do 5º ano, embora reconheçam as dificuldades enfrentadas, os estudantes chegam ao término dessa etapa com conhecimento pleno ou parcial, entretanto, para

os professores do 6º ano, esses discentes têm domínio apenas parcial e, em alguns casos, não domínio.

O fato é que ocorreu, com relação as habilidades de Matemática, uma considerável discrepância entre esses olhares. Pode-se depreender, portanto, que os professores do 5º ano acreditam formar os alunos com determinada qualidade, diferente do que realmente se efetiva, aos olhos dos docentes do 6º ano. Essa situação corrobora com os estudos realizados por Zontini (2016) a respeito do ponto de vista dos docentes do 5º e do 6º anos sobre o desempenho dos alunos, apresentando-se, respectivamente, como bom e péssimo.

Como a mostra foi reduzida, não é possível generalizar que tal discrepância se evidencie em toda a rede. Para essa conclusão, seria necessária uma pesquisa mais ampla, abrangendo mais escolas e mais distritos da Rede Municipal de Ensino de Belém.

5.2 Resultados relativos ao domínio da Língua Portuguesa

A análise dos dados de Língua Portuguesa mostrou que, tanto as professoras do 5º ano, quanto as do 6º ano informaram que selecionam os conteúdos dessa disciplina a partir da BNCC e dos livros didáticos e costumam iniciá-los com a utilização de um texto contendo os termos do assunto. No 5º ano, porém, realizar a apresentação do conceito seguida de exemplo e exercício foi escolhido por duas professoras e, por outra, o uso de jogos.

No tocante aos recursos mais utilizados, tanto no 5º quanto no 6º ano, o livro didático e o quadro branco são os mais utilizados pelas docentes pesquisadas, seguidos das atividades impressas. Pode-se supor que essa última é uma opção mais onerosa, principalmente porque nem sempre a escola pode arcar, resultando em participação financeira por parte dos professores, algumas vezes.

O uso de materiais manipuláveis, como o alfabeto móvel, o dominó silábico, o texto fatiado entre outros, pouco aparecem no 5º ano e sequer são mencionados no 6º ano, apesar de serem recursos lúdicos que auxiliam no ensino, principalmente, dos alunos com dificuldade de leitura ou interpretação.

A respeito das atividades relativas à leitura e interpretação de textos, a maioria das professoras do 5º ano apontou que trabalham ambas as habilidades três vezes por semana ou mais, acusando a importância dada por elas ao aprendizado destes componentes curriculares, o que também foi identificado no 6º ano, já que alegaram realizarem-nas em todas as aulas.

No tocante à produção textual, a maioria das docentes do 5º ano informou que trabalha tal habilidade três vezes por semana ou mais. Por sua vez, das duas professoras consultadas no 6º ano, uma apontou a produção textual em todas as aulas e a outra não respondeu essa questão, é provável que não tenha sido contemplada pelas opções disponíveis.

Quanto às formas avaliativas, a maioria das professoras do 5º ano apontou que a avaliação ocorre diariamente e através de produção e/ou reescrita de textos. Essas duas formas são seguidas de testes individuais ou em grupos com questões discursivas. Uma quantidade menor utiliza testes de múltipla escolha, trabalhos de pesquisa, participação nas aulas e, menor ainda, os testes orais, a despeito de ser essa uma forma de avaliação da leitura. As docentes do 6º ano corroboram com a ideia de avaliação diária, produção textual e testes com questões discursivas e objetivas, acrescentando, ainda, os testes orais.

Ao identificar que o (a) aluno (a) apresentou um rendimento aquém do esperado, a maioria das docentes do 5º ano e todas as do 6º ano apontaram a intervenção no decorrer das aulas como principal recurso. Pode-se considerar positiva a escolha majoritária de intervir no decorrer das aulas, pois indica que o corpo docente pesquisado não se limita apenas a provas como instrumento avaliativo. As professoras também apontaram, em sua maioria no 5º ano, e com unanimidade no 6º ano, que grande parte dos alunos domina apenas de forma parcial os conhecimentos da disciplina na transição do 5º para o 6º ano, conforme indica o Quadro 8.

Quadro 8 -Domínio apresentado pela maioria dos alunos na transição para docentes do 5º e do 6º

A maioria dos alunos domina os conhecimentos de Língua Portuguesa na transição do 5º para o 6º? (%)		
5º ano	Sim	22,22
	Parcial	55,55
	Não	11,11
	Não informou	11,11
6º ano	Sim	0,00
	Parcial	100
	Não	0,00
	Não informou	0,00

Fonte: Construído a partir dos dados da pesquisa.

A parte seguinte do questionário, perguntou aos professores se as habilidades exigidas para a aprovação no 5º ano são por eles consideradas como essencial para tal, bem como se a maioria dos alunos sai com domínio pleno, parcial ou nenhum. A maioria dos conteúdos foi marcada com unanimidade quanto a sua relevância, portanto, obteve resposta sim para a primeira pergunta, tanto pelos docentes do 5º ano, quanto pelos docentes do 6º ano. Em relação ao domínio, as docentes consultadas responderam se a maioria dos alunos finaliza o 5º ano e

passam para o 6º ano com os conhecimentos de Língua Portuguesa necessários a esse nível de ensino apresentando domínio pleno, domínio parcial ou não domínio.

Como são 22 habilidades, para facilitar a análise elas foram divididas em três blocos, a saber: Leitura e interpretação de textos (com as habilidades LP01, LP02, LP03, LP04, LP05, LP06, LP07, LP08, LP09, LP10 e LP19); Oralidade (com as habilidades LP11, LP12, LP13) e Escrita e produção de texto (com as habilidades LP14, LP15, LP16, LP17, LP18, LP20, LP21 e LP22), e estão organizadas nos quadros 9, 10 e 11 desse artigo.

Quadro 9 - Domínio das habilidades de Língua Portuguesa para os docentes do 5º e do 6º ano – Leitura e interpretação de textos.

Nível de domínio das habilidades de Língua Portuguesa pelos egressos do 5º ano – Leitura e interpretação de texto (%)								
Códigos das habilidades	5º ano	6º ano	5º ano	6º ano	5º ano	6º ano	5º ano	6º ano
	Domínio Pleno		Domínio Parcial		Não Domina		Não Informou	
LP01	22,22	0,00	55,55	50,00	11,11	50,00	11,11	0,00
LP02	33,33	0,00	55,55	100,00	0,00	0,00	11,11	0,00
LP03	22,22	0,00	55,55	50,00	11,11	50,00	11,11	0,00
LP04	22,22	0,00	55,55	50,00	11,11	50,00	11,11	0,00
LP05	33,33	0,00	44,44	100,00	11,11	0,00	11,11	0,00
LP06	44,44	0,00	33,33	50,00	11,11	50,00	11,11	0,00
LP07	33,33	0,00	55,55	100,00	0,00	0,00	11,11	0,00
LP08	33,33	0,00	55,55	100,00	0,00	0,00	11,11	0,00
LP09	66,66	0,00	22,22	100,00	0,00	0,00	11,11	0,00
LP10	11,11	0,00	66,66	50,00	11,11	50,00	11,11	0,00
LP19	22,22	0,00	66,66	100,00	0,00	0,00	11,11	0,00

Fonte: Construído a partir dos dados da pesquisa.

Na maioria das habilidades, as professoras do 5º ano reconhecem que os alunos passam para o 6º ano com domínio parcial dos conteúdos. Para elas, as habilidades que apresentam maiores quantitativos em Domínio Pleno são LP09 (Identifica as informações explícitas no texto), com 6 indicativos, e LP06 (Constrói um conjunto de expectativas, apoiando-se em conhecimentos prévios sobre o gênero, suporte e universo temático, bem como recursos gráficos, imagens e dados do texto) com 4, indicando maior facilidade dos alunos na aprendizagem destes quesitos.

Por sua vez as habilidades LP10, relativa à identificação de formas diversas de tratar um assunto em comparação de textos, e a LP 19, relacionada à identificação do conflito gerador do enredo e das partes que constroem a narrativa recebem os maiores indicativos de domínio parcial aos olhos das professoras do 5º ano, demonstrando as dificuldades de domínio dessas habilidades por parte dos alunos.

Já na visão das docentes do 6º ano o cenário é diferente, pois, para esse grupo, a maioria dos alunos egressos do 5º ano tem domínio parcial dos conteúdos ou não domina e não houve indicativo para domínio pleno em nenhuma das habilidades. Nas habilidades LP02, LP05, LP07, LP08, LP09 e LP19, as duas professoras consultadas concordam que a maioria dos alunos avança com domínio parcial, já nas outras cinco habilidades, uma docente evidencia domínio parcial e a outra o não domínio. É importante destacar que a habilidade LP01 (Inferir uma informação implícita em um texto) é identificada, por uma das professoras, como um componente que os alunos não dominam e é crucial no que se refere à interpretação de textos.

Essas habilidades estão relacionadas diretamente à leitura, uma vez que dela precisam para que haja uma boa interpretação textual, evidenciando uma dificuldade presente nesses componentes curriculares nas escolas investigadas. Esse contexto se apresenta na contramão das pesquisas mencionadas por Cassoni (2017) quanto ao rendimento positivo ou, pelo menos, estável em leitura na transição do ensino fundamental I para o II.

No bloco de conteúdos relativo à oralidade, as professoras do 5º ano responderam, predominantemente, que a maioria dos alunos chega ao 6º ano com conhecimento parcial dessas habilidades. Elas avaliam se o(a) aluno(a) expressa-se oralmente, considerando os papéis dos participantes, ajustando o texto à variedade linguística adequada (LP11), se ele reconta oralmente, em contextos diferenciados, os gêneros lidos e/ou escutados (LP12) e utiliza a linguagem oral, adequando-a aos contextos formais de uso (LP13), evidenciando possíveis dificuldades relativas ao domínio da norma padrão da Língua Portuguesa.

No 6º ano, as docentes dividiram-se equitativamente em domínio parcial e não domínio para quase todas as habilidades desse bloco, havendo uma que não concedeu nenhuma informação na habilidade LP12 e, mais uma vez, nenhuma professora apontou qualquer habilidade desse bloco como sendo de domínio pleno pelos estudantes. Essas informações seguem detalhadas no Quadro 10.

Quadro10 - Domínio das habilidades de Língua Portuguesa para os docentes do 5º e do 6º ano – Oralidade.

Nível de domínio das habilidades de Língua Portuguesa pelos egressos do 5º ano – Oralidade								
Códigos das habilidades	5º ano	6º ano	5º ano	6º ano	5º ano	6º ano	5º ano	6º ano
	Domínio Pleno		Domínio Parcial		Não Domina		Não Informou	
LP11	33,33	0,00	55,55	50,00	0,00	50,00	11,11	0,00
LP12	33,33	0,00	44,44	50,00	11,11	0,00	11,11	50,00
LP13	22,22	0,00	66,66	50,00	0,00	50,00	11,11	0,00

Fonte: Construído a partir dos dados da pesquisa.

Considerando o total de habilidades da disciplina de Língua Portuguesa, ressalta-se o fato de uma das duas participantes da pesquisa do 6º ano apontar a falta de domínio discente para as habilidades LP01, LP03, LP04, LP06, LP10, LP11, LP13 e LP15, o que coloca esse grupo num patamar que merece atenção, pois essas habilidades exigem do aluno compreensão do que está implícito e de características específicas do gênero textual lido, como traços de humor, comparação de textos sobre o mesmo tema, além do uso da linguagem oral dentro dos padrões e relação entre os termos presentes no texto, e que podem, portanto, ser consideradas como fundamental para essa disciplina.

As docentes concordam que os alunos dominam parcialmente as habilidades LP02, LP05, LP07, LP08, LP09 e LP19 que envolvem: leitura, compreensão de informações mais explícitas no texto, o tema, as ideias centrais e o sentido de um termo, além do conflito gerador do enredo e das partes que constroem a narrativa.

O último bloco analisado era composto pelas habilidades relativas à escrita e produção de texto. Essas habilidades foram apontadas como de domínio parcial pela maioria dos alunos. Segundo a visão dos docentes do 5º ano, a habilidade LP15 (que estabelece relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições para a sua continuidade, na qual todas apontaram domínio parcial) fica em destaque, seguida da LP 14 (que mantém um encadeamento de ideias na produção de textos orais e escritos, garantindo um fluxo lógico e contínuo), assim indicadas por 8 e por 6 docentes, respectivamente. No 6º ano, a maioria das habilidades, novamente, recebeu um domínio parcial e um não domínio das duas professoras consultadas, como se observa no Quadro 11.

Quadro11 - Domínio das habilidades de Língua Portuguesa para os docentes do 5º e do 6º ano – Escrita e produção de textos.

Habilidades de Língua Portuguesa – Escrita e produção de texto								
Códigos das habilidades	5º ano	6º ano	5º ano	6º ano	5º ano	6º ano	5º ano	6º ano
	Domínio Pleno		Domínio Parcial		Não Domina		Não Informou	
LP14	11,11	0,00	66,66	50,00	11,11	50,00	11,11	0,00
LP15	0,00	0,00	88,88	50,00	0,00	50,00	11,11	0,00
LP16	11,11	0,00	55,55	50,00	22,22	50,00	11,11	0,00
LP17	22,22	0,00	33,33	50,00	33,33	50,00	11,11	0,00
LP18	22,22	0,00	44,44	50,00	22,22	50,00	11,11	0,00
LP20	22,22	0,00	55,55	100,00	11,11	0,00	11,11	0,00
LP21	33,33	0,00	55,55	50,00	0,00	50,00	11,11	0,00
LP22	22,22	0,00	55,55	100,00	11,11	0,00	11,11	0,00

Fonte: Construído a partir dos dados da pesquisa.

A habilidade LP17, que aborda a utilização de expressões conectoras estabelecendo relações de sentido entre os enunciados que compõem o texto, é a que aparece com maior quantitativo de não domínio no 5º ano, totalizando três, sugerindo ser esse o componente de maior dificuldade para os alunos, seguida da LP16, que considera, nas produções textuais dos discentes, o gênero, o suporte, os possíveis interlocutores, a adequação linguística e outros fatores pertinentes às diversas situações de comunicação, e da LP18, a qual considera o emprego do efeito de sentido resultante do uso da pontuação e de outras notações, ambas também consideradas assim por duas das docentes do 5º ano.

Embora na visão das professoras do 6º ano, a maioria das habilidades tenha recebido uma avaliação para parcial e uma para não domina, duas habilidades são consideradas, pelas duas docentes, como domínio parcial, são elas: a LP20 (Escreve rascunhos considerando a possibilidade de modificar o texto se necessário) e a LP22 (Submete o texto a um processo de reescrita). As habilidades restantes dividiram-se em um para parcial e um para não domínio, a saber: manter um encadeamento de ideias na produção textual (LP14), considerar as características do texto, como gênero, suporte e interlocutor (LP16), usar expressões conectoras (LP17) e sinais de pontuação corretamente (LP18) e reler o texto produzido (LP21).

É preocupante que as habilidades voltadas para produção textual, parte essencial da aprendizagem dos alunos do 6º ano, tenham recebido indicação de não domínio pelas professoras, em uma série em que os alunos já deveriam produzir textos coerentes e utilizar os sinais de pontuação e de alguns conectivos.

Mais uma vez, ao serem confrontados os olhares docentes do 5º e do 6º ano, encontram-se divergências que, em alguns pontos são alarmantes, por abraçarem os dois extremos da avaliação (domínio pleno e não domínio) para as mesmas habilidades. Além disso, expõe a fragilidade na aprendizagem de habilidades tão essenciais para o ensino da Língua Portuguesa, dentro da educação pública.

6 CONSIDERAÇÕES

O objetivo da pesquisa, cujos resultados foram relatados no presente trabalho, foi analisar a percepção do domínio das habilidades em Matemática e em Língua Portuguesa apresentado pelos estudantes na transição do 5º para o 6º ano do ensino fundamental, na SEMEC-Belém na visão de docentes desses anos escolares.

De um modo geral, a análise dos resultados mostrou que as percepções dos consultados têm divergências e convergências. Com relação às habilidades de Matemática, há percepções divergentes entre os docentes do 5º ano e os docentes do 6º ano. Os docentes do 5º ano percebem os egressos dessa série como tendo domínio pleno ou parcial das habilidades referidas e os docentes do 6º ano tem a percepção de que os mesmos egressos apresentam domínio parcial ou não domínio. Essa diferença de percepção é mais acentuada nas habilidades do bloco de Tratamento da Informação, Números Naturais e Álgebra e menos acentuada nos blocos de Números Racionais e Álgebra, de Geometria e de Medidas e Grandezas.

A análise dos resultados também apontou que, em relação às habilidades de Língua Portuguesa, há diferença entre as percepções dos consultados. Enquanto os docentes do 5º ano percebem seus egressos com domínio parcial ou pleno, os do 6º ano os percebem com domínio parcial ou não domínio. Essa diferença de percepção é mais acentuada nas habilidades do bloco de Leitura e Interpretação de Textos e menos acentuada nos blocos de Oralidade e de Escrita e Produção de Textos.

Observou-se que, para as docentes consultadas do 5º ano, apesar de reconhecerem que a maioria dos alunos avança com domínio parcial, boa parte delas inclinam sua visão para o domínio pleno, em um número considerável de habilidades, tanto em Matemática, quanto em Língua Portuguesa. Chama-se a atenção o fato de algumas habilidades importantíssimas nessa fase do ensino serem reconhecidas pelas professoras do 5º ano como de domínio parcial, são os casos das habilidades M19 e M23, em Matemática, relativas às operações e à resolução de problemas de multiplicação e divisão. Essa visão converge com a dos professores do 6º ano na referida disciplina. Da mesma forma ocorre com as seguintes habilidades de Língua Portuguesa: LP01, LP02, LP07, LP08 e LP15, que tratam da leitura e interpretação de texto, extraíndo desse os aspectos mais consistentes. Dessas habilidades a LP01 e LP15 são avaliadas como de não domínio para as docentes do 6º ano, o que agrava ainda mais o cenário.

Além disso, dominar as quatro operações matemáticas, resolver os problemas que as envolve e ler com capacidade de interpretação os textos, são habilidades extremamente necessárias para o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos e que, por sua vez, estão passando sua vida acadêmica sem assimilar, no período adequado, tais conteúdos imprescindíveis para sua formação.

Apesar de haver prevalência da opção domínio parcial pelas professoras do 5º ano, boa parte delas compreende que os alunos conseguem dominar plenamente os conteúdos o que faz considerar que há o alcance dos objetivos educacionais, nessa etapa, de forma plena ou pelo

menos parcial. Contudo, a perspectiva docente do 6º ano parece discordar, pois indica, com firmeza, que os discentes avançam com domínio parcial ou sem domínio, denotando que tal alcance ou é razoável ou não ocorre.

Pôde-se concluir que a perspectiva dos professores do 5º ano divide-se entre domínio parcial e domínio pleno pelos alunos, apontando uma aprendizagem proveitosa, tanto na disciplina de Língua Portuguesa, quanto de Matemática. Já sob a ótica dos professores do 6º ano, essa percepção divide-se em domínio parcial ou não domínio, em ambas as disciplinas, demonstrando um aproveitamento bem menos expressivo.

Esses resultados revelam ainda uma possível falta de comunicação entre os dois segmentos do ensino fundamental das escolas estudadas, fato que se solucionado poderia proporcionar um melhor preparo desses estudantes no ensino fundamental I com condições verídicas de continuidade do processo educacional no ensino fundamental II, promovendo uma educação de qualidade com reflexos na vida acadêmica e social dos alunos, contribuindo para sua cidadania.

Uma análise mais detalhada a respeito da percepção dos docentes em toda a RME de Belém e da importância dos diálogos entre os dois segmentos poderia ser realizada em estudos futuros, o que estimulou esses autores a elaborar alguns questionamentos norteadores.

O primeiro questionamento a que se chegou foi: qual é o domínio das habilidades apresentado pelos alunos na transição do 5º para o 6º ano na percepção dos docentes dessas etapas na Rede Municipal de Ensino de Belém? Uma pesquisa realizada em torno desse questionamento permitiria uma visão mais ampla de toda a rede, revelando se corroboram ou não com os dados analisados no presente trabalho e possibilitando possíveis intervenções ou desenvolvimento de políticas com foco a dirimir ou reduzir as divergências apontadas entre esses segmentos.

O segundo questionamento elaborado foi: a Rede Municipal de Ensino de Belém promove diálogos com os docentes acerca da transição dos alunos entre essas duas etapas de ensino fundamental? Uma análise dos dados provenientes desse questionamento tornaria possível identificar se, de fato, não há a promoção desta comunicação em toda a rede de ensino e nortear possíveis ações com vista à viabilização desse diálogo.

O terceiro questionamento levantado foi: quais os efeitos da aplicação de uma sequência didática de Língua Portuguesa e de Matemática a alunos do 5º ano para sua transição ao 6º ano? Esse questionamento possibilitaria a elaboração de uma sequência didática abrangendo essas

duas disciplinas, objetivando um melhor preparo dos alunos para a transição do primeiro para o segundo segmento do ensino fundamental.

Ademais, a análise da percepção dos docentes do 5º e do 6º ano sobre o domínio das habilidades apresentado pelos alunos egressos do 5º ano permitiu identificar que a aprendizagem e o alcance desses domínios pelos estudantes são sentidos de forma divergente entre os professores dos dois segmentos do ensino fundamental.

Por fim, acredita-se que esse estudo possa favorecer a realização de diálogos no distrito *locus* da pesquisa e em toda a RME de Belém, além de contribuir para a formação continuada e inicial dos docentes, especialmente, no que tange às peculiaridades dessa transição, preparando melhor os professores com vistas a uma atuação que possa diminuir os impactos e favorecer o processo educacional dos alunos egressos do 5º ano.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Bruna Telmo; TAUCHEN, Gionara. Percepções e compreensões sobre o ciclo de vida profissional e o desinvestimento da carreira docente. **Revista Conhecimento Online**, vol.2, a. 10, p. 25-45, jul/dez 2018. <https://doi.org/10.25112/rco.v2i0.1243>
- BELÉM. Conselho Municipal de Educação. **Resolução CME nº 40, de 21/12/2011**. Belém, PA, dez. 2011. Disponível em: https://cme-website.cdn.prismic.io/cme-website/c09c1693-6730-47ce-9a67-0ffbcbadde8a1_Res.40_11.pdf. Acesso em: 01 fev. 2023.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, Brasília. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 01 fev. 2023.
- CASSONI, Cynthia. **Transição escolar das crianças do 5º para o 6º ano do ensino fundamental**. 260 p. Tese de Doutorado - cursos de Ciências, Área: Psicologia (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Brasil) e de Psicologia (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal). Ribeirão Preto (Brasil), Porto (Portugal), 2017. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-27032018-092424/publico/tese_cynthiacassoni_versao_corrigida.pdf. Acesso em: 30 jan. 2023.
- DIONIZIO, Fátima Aparecida Queiroz.; CAMARGO, Joseli Almeida; DA SILVA, Sani de Carvalho Rutz. A aprendizagem da matemática na transição dos alunos do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental. **Revista Espacios**, vol. 35, n. 12, p.1 - 14. 2014. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a14v35n12/14351217.html>. Acesso em: 29 set. 2022.
- FERREIRA, Lúcia de Fátima Durão. **Um estudo sobre a transição do 5º ano para o 6º ano do Ensino Fundamental**: o caso da aprendizagem e do ensino de área e perímetro. 386 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em:

<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/34164/1/TESE%20L%C3%BAcia%20de%20F%C3%A1tima%20Dur%C3%A3o%20Ferreira.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2023.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Trad. Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. Porto Alegre: Ed. Artmed, 1999. 304p.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: passado, presente e futuro**. São Paulo: Cortez Editora, 2021. 408p.

MIRANDA, Weverton dos Santos; SILVA, Francisco Hermes Santos da; GUERRA, Renato Borges; NUNES, José Messildo Viana. A noção de Obstáculo Didático Institucional. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**. Florianópolis, v. 13, n.1, p. 73 – 102, maio, 2020. <https://doi.org/10.5007/1982-5153.2020v13n1p73>.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986, 119p.

MONTEIRO, Lorena Arero Albuquerque; SÁ, Pedro Franco de. **Avaliação da aprendizagem em matemática nos anos iniciais do ensino fundamental sob a ótica da Taxonomia de Bloom**. In: Seminário de Cognição e Educação Matemática. Belém, Anais [...] Belém, UEPA, 2021 (no prelo).

MUMBACH, Simone; HECKLER, Valmir; GUIGOTTI, Charles dos Santos. Formação de professores que ensinam matemática nos anos iniciais em teses brasileiras. **REAMEC – Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. e22022, 22022. <https://doi.org/10.26571/reamec.v10i1.13379>.

PAULA, Andreia Piza de; PRACI, Fabiane Caetano; SANTOS, Geslaine Galdino; PEREIRA, Soeli de Jesus; STIVAL, Maria Cristina Elias Esper. Transição do 5º para o 6º ano no ensino fundamental: processo educacional de reflexão e debate. **Revista Ensaios Pedagógicos**, Curitiba, v.8, n.1, p.33-52, Jul, 2018. Disponível em: <https://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/edicoes-antiores.php?pagina=antiores>. Acesso em: 27 mar. 2023.

SEIBERT, D. M.: **A transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental: uma investigação acerca das expectativas e impressões dos discentes**. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Matemática) Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Toledo (UTFPR-TD), Paraná, 2019. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/15849/1/transicaoquintosextoano.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2023.

SILVA, Damião Rodrigues da; MACEDO, Joselito Santos. **Dificuldade de aprendizagem da matemática nas séries iniciais do Ensino Fundamental na transição do 5º para o 6º ano**. Monografia (Licenciatura em Matemática). Universidade do Estado da Bahia. Juazeiro. 134p.2014.

SILVA, Francisco Hermes Santos da; SANTOS, Rudinei Alves dos. Conexão dos conteúdos matemáticos ensinados na escola: fundamentação em Piaget, Ausubel e Vergnaud. **REAMEC**

- **Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. e22067, 2022. <https://doi.org/10.26571/reamec.v10i3.14237>.

SMOLE, Kátia Stocco; DINIZ, Maria Ignez. Ler e Aprender Matemática. In: SMOLE, Kátia Stocco; DINIZ, Maria Ignês. **Ler, escrever e resolver problemas: habilidades básicas para aprender matemática**. Porto Alegre: Artmed, 2001. 204p.

ZONTINI, Lainara dos Reis Santos. **Modelagem Matemática na passagem do 5º para o 6º ano: um trabalho na formação continuada de professores**. XX EBRAPEM – Encontro Brasileiro de Pós-Graduação em Educação Matemática. Anais [...] Curitiba, 2016. Disponível em: http://www.ebrapem2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2016/04/gd10_laynara_zontini.pdf. Acesso em: 30 jan. 2023.

APÊNDICE 1 – INFORMAÇÕES SOBRE O MANUSCRITO

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Secretaria Municipal de Educação de Belém por permitir acesso às escolas que participaram da pesquisa, e à Secretaria de Estado de Educação do Pará, que concedeu Licença Aprimoramento à principal autora, permitindo assim tempo hábil para a realização da pesquisa que culminou neste artigo.

FINANCIAMENTO

Financiado pelos próprios autores.

CONTRIBUIÇÕES DE AUTORIA

Resumo/Abstract/Resumen: Lorena Arero Albuquerque Monteiro; Pedro Franco de Sá; Elaine Cristina Monteiro Quintela.

Introdução: Lorena Arero Albuquerque Monteiro; Pedro Franco de Sá; Elaine Cristina Monteiro Quintela.

Referencial teórico: Lorena Arero Albuquerque Monteiro; Pedro Franco de Sá; Elaine Cristina Monteiro Quintela.

Análise de dados: Lorena Arero Albuquerque Monteiro; Pedro Franco de Sá; Elaine Cristina Monteiro Quintela.

Discussão dos resultados: Lorena Arero Albuquerque Monteiro; Pedro Franco de Sá; Elaine Cristina Monteiro Quintela.

Conclusão e considerações finais: Lorena Arero Albuquerque Monteiro; Pedro Franco de Sá; Elaine Cristina Monteiro Quintela.

Referências: Lorena Arero Albuquerque Monteiro; Pedro Franco de Sá; Elaine Cristina Monteiro Quintela.

Revisão do manuscrito: Lorena Arero Albuquerque Monteiro; Pedro Franco de Sá; Elaine Cristina Monteiro Quintela.

Aprovação da versão final publicada: Lorena Arero Albuquerque Monteiro; Pedro Franco de Sá; Elaine Cristina Monteiro Quintela.

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Os autores declaram que o conjunto de dados que dá suporte aos resultados da pesquisa foi publicado no próprio artigo e seguem nele disponíveis.

PREPRINT

Não publicado.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica. Ressaltamos que a pesquisa foi realizada com professores, todos maiores de 18 anos, e após todos terem assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cujo arquivo foi disponibilizado no site da REAMEC.

COMO CITAR - ABNT

MONTEIRO, Lorena Arero Albuquerque; SÁ, Pedro Franco de; QUINTELA, Elaine Cristina Monteiro. A transição do 5º para o 6º ano na visão de docentes. **REAMEC – Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**. Cuiabá, v. 11, n. 1, e23056, jan./dez., 2023. <https://doi.org/10.26571/reamec.v11i1.15438>

COMO CITAR - APA

Monteiro, L. A. A., Sá, P. F. De, Quintela, E. C. M. A transição do 5º para o 6º ano na visão de docentes. *REAMEC - Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática*, 11(1), e23056. <https://doi.org/10.26571/reamec.v11i1.15438>

LICENÇA DE USO

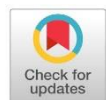
Licenciado sob a Licença Creative Commons [Attribution-NonCommercial 4.0 International \(CC BY-NC 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



DIREITOS AUTORAIS

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista REAMEC – Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática - os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico. Os editores da Revista têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

POLÍTICA DE RETRATAÇÃO - CROSSMARK/CROSSREF



Os autores e os editores assumem a responsabilidade e o compromisso com os termos da Política de Retratação da Revista REAMEC. Esta política é registrada na Crossref com o DOI: <https://doi.org/10.26571/reamec.retratacao>

PUBLISHER

Universidade Federal de Mato Grosso. Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM) da Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática (REAMEC). Publicação no [Portal de Periódicos UFMT](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da referida universidade.

EDITOR

Dailson Evangelista Costa  

AVALIADORES

Dois pareceristas *ad hoc* avaliaram este manuscrito e não autorizaram a divulgação dos seus nomes.

HISTÓRICO

Submetido: 08 de maio de 2023.

Aprovado: 20 de julho de 2023.

Publicado: 17 de outubro de 2023.